

Cláusulas apositivas em português:

estatuto sintático- discursivo

Nilza Barrozo Dias

Departamento de Letras – Universidade Federal de Juiz de Fora
(UFJF e FAPEMIG)

nilzabd@terra.com.br

Abstract: *This paper deals with the gradual syntactic relations expressed by the apposition clauses, specially that one realized as “independent unit” clauses. These apposition clauses can be generally introduced by a connective marker, which come out from verbs.*

Keywords: *appositions; gradual; independent unit.*

Resumo: *Este artigo focaliza as relações sintáticas graduais expressas pelas cláusulas apositivas, especialmente aquelas que se realizam como unidades independentes ou cláusulas desgarradas. Estas cláusulas apositivas podem ser introduzidas por conectores discursivos, que geralmente vêm de verbos.*

Palavras- chave: *aposição; gradual; desgarradas*

Aposição

A aposição, segundo Meyer (1992) é uma relação gramatical que apresenta características sintáticas variadas; predominantemente constituída por sintagmas nominais, pode evidenciar-se em aposições não-nominais sintagmáticas (sintagmas preposicionados, adverbiais e adjetivos), oracionais, sentenciais e entre classes diferentes de palavras. Para o autor, as unidades A, base, e B, apositiva, apresentam ainda uma relação de gradação em relação às suas características sintáticas: há aposição mais prototípica enquanto outras estão entre a aposição propriamente dita e a relação de coordenação.

Nogueira (1999:48) também aponta a existência de um caráter gradual no processo sintático da aposição, sendo algumas construções semântica e sintaticamente mais típicas do que outras. A aposição *é um notável exemplo de uma categoria que não exhibe fronteiras bem definidas em termos de condições necessárias e suficientes.* (1999:49). Nogueira assume uma abordagem de protótipos na investigação da aposição, utilizando a proposta de Givón (1995:12). Alguns autores vêem semelhança entre aposição e coordenação e entre aposição e justaposição. Nogueira afirma que, nas diferentes construções apositivas, a natureza centrípeta parece ser o traço comum. Citando Neves (1984), reafirma que a aposição tem no segundo segmento uma retomada do primeiro, o que difere da coordenação, que é marcada pela condição de exterioridade sintática.

Meyer identifica, nas construções apositivas, a aposição central e a aposição periférica. Para identificar aposição central e periférica, ele propõe critérios na identificação de como duas unidades são estruturalmente dependentes (subordinadas) ou independentes (coordenadas). Os critérios sintáticos para a identificação da aposição central são: (i) a primeira unidade da aposição pode ser suprimida; (ii) a segunda unidade da aposição pode ser apagada; e (iii) as unidades da aposição podem ser permutadas. A construção apositiva será mais central se um maior número de critérios forem satisfeitos. Construções que não preenchem um desses critérios são chamadas de periféricas.

Dias (2004) tem investigado somente as unidades apositivas constituídas por oração ou orações. Os resultados mostram que a unidade apositiva complexa pode realizar-se formalmente quer por orações paratáticas, quer por hipotáticas e quer por encaixadas que, no conjunto, constituem uma função apositiva única. Esta unidade apositiva mantém uma relação de correferencialidade com um sintagma nominal, preposicionado ou adverbial da unidade base bem como com toda a informação de oração ou orações anteriores que funcionam cataforicamente. Uma parte menor dos dados é constituída de unidades apositivas que são encabeçadas por conectores discursivos, *ou seja, quer dizer, isto é, vale dizer e por exemplo*. Neste caso, a unidade apositiva segue o padrão mais comum de realização formal como paratáticas, hipotáticas e encaixamento. O que faz a diferença são os casos em que a aposição se realiza como unidade *desgarrada* (nos termos de Decat), já que formalmente teremos de modo preferencial uma única oração, quando a aposição for introduzida por *ou seja e quer dizer*. As unidades introduzidas por *por exemplo* apresentam um comportamento diferenciado, ou seja, representam a relação todo- parte, sendo que esta precisa ser mais detalhada, o que exige um número maior de informação e conseqüentemente um número maior de orações.

Para Halliday (1985), temos na aposição uma relação lógico- semântica de expansão entre a cláusula matriz e a cláusula apositiva, sendo que esta expande a outra, elaborando o significado da primeira, provendo maior caracterização do elemento já presente, reintroduzindo-o, clarificando a informação e adicionando atributo.

O objetivo deste trabalho é abordar a relação entre o tipo de unidade base e a unidade apositiva que seja constituída de cláusulas desgarradas (ou unidades independentes nos termos de Deict, 1999). A nossa hipótese é que há um afrouxamento na relação base- aposição nas unidades apositivas “ desgarradas”; geralmente o elemento base, neste contexto específico, é uma unidade constituída de oração/ orações.

A nossa abordagem é funcional – discursiva. O material utilizado na investigação são amostras de fala do PEUL/RJ, NURC/SP e PROCON¹ de Juiz de Fora. Os textos escritos são artigos da revista *Veja*. Numa primeira fase da investigação, foram utilizados os pressupostos teóricos da Teoria Variacionista e o programa estatístico apenas como recurso heurístico para que o mesmo fenômeno pudesse ser observado de diferentes ângulos.

Os dados

Meyer levanta a questão de similaridade entre aposição e coordenação, o que pode levar a uma certa ambigüidade. A dificuldade, para o autor, está em identificar aposição e coordenação assindética.

No exemplo abaixo, aplicando a proposta de Meyer

(1) Me incentivou muito, me deu muita moral mesmo, então, eu fiz uma partida excepcional. Tanto que não sai mais.(PEUL/RJ),

diríamos que há aposição, porque as unidades estão numa relação sinonímica, o que não acontece nos casos de coordenação propriamente dita. Os critérios utilizados por Meyer são satisfeitos, já que, por ter traço de equivalência sinonímica entre as unidades, uma pode fazer as vezes da outra unidade suprimida.

Meyer (1992) não considera a correferência como o único tipo de relação semântica entre as unidades da aposição, embora já tenha sido considerado o critério principal pela literatura lingüística. Temos ainda outras relações semânticas referenciais parte/todo, catafórica, sinonímica, hiponímica e atribuição. As classes semânticas identificadas pelo autor: identificação, exemplificação, particularização, paráfrase, auto-correção também foram encontradas por Nogueira (1999) que as considera como funções textual- discursivas, acrescentando ainda a avaliação e a reformulação.

O exemplo abaixo, retirado de nossos dados, mostra uma relação correferencial entre a segunda unidade e o sintagma da unidade base. Ou seja, a segunda unidade diz em outras palavras o que seja “pega tudo”, constante da primeira unidade. Sintaticamente, a unidade apositiva em negrito é constituída por três orações (paratáticas e uma hipotática adverbial de finalidade). É uma aposição central, nos termos de Meyer (1992), já que as unidades A e B são reversíveis, não havendo impropriedade na informação.

(2) O PMDB é um partido que “pega tudo”: **busca qualquer eleitor e faz qualquer negócio para se manter no poder.**(Veja)

No exemplo abaixo, retirado dos dados de língua escrita, temos uma relação de correferencialidade entre a unidade B em negrito e o sintagma nominal da unidade A. o sintagma da unidade base *ocidentoxicação* é explicado pela unidade apositiva, em negrito. A relação entre o referido sintagma e sua unidade apositiva é sinonímica, sendo desnecessária a inserção de um conector discursivo. Temos, então, uma aposição menos central, já que, embora uma unidade faça às vezes da outra, a ordem das unidades não é reversível e a unidade B não pode existir sem a unidade A neste exemplo.

(3) A ação militar pode ter sido necessária, para desencorajar ataques de outros grupos aos Estados Unidos, mas não é solução. A única via possível de contenção do ultra-radicalismo islâmico não é a força das armas, mas a de governos legítimos, muçulmanos – um conceito importante no nacionalismo islâmico é “ocidentoxicação”, **a contaminação da cultura muçulmana por valores ocidentais - , moderados e capazes de implementar projetos efetivos de desenvolvimento, sem romper com os padrões islâmicos.**(VEJA, 17/10/2001)

A seguir, observaremos exemplos de outras relações semânticas referenciais, propostas por Meyer e Nogueira, e encontradas nas nossas análises. Temos paráfrases

que servem para estabelecer entre a unidade base e a unidade apositiva uma **relação de todo- parte** e uma **relação usual- incomum** quando temos o conector discursivo *por exemplo* como elemento de conexão entre as unidades. A relação todo- parte é mais recorrente e pode ser observada no exemplo (4).

- (4)
- M2:** tá, mas
- Rdo2:** aí ela ia
- Rte:** alegar que nós ganhamos em 10 dias 2 mil reais.
- Rdo1:** eu nem tive pressa não, não é que (x) pressa não (xx)
- O problema deles não foram isso não. A casa deles tava num processo (por exemplo) a cozinha só podia ser rebaixada quando colocasse o azulejo. Mas eles ô::: pedreiro deles é um cara muito bom, mas lento. Mas nó também (xx) então nós saímos deixava uma (frentezinha) de serviço maior pra você viabilizar, senão cê vai lá faz um negócio tem que ir embora, aí então nós deixávamos co-. Aí depois eu até concordei com ela, ela tinha pago mil reais e o serviço ainda tava por acabar(...) (GESSO TETO/PROCON/JF)

Na unidade A, temos o Sintagma Preposicionado base *num processo*; na unidade B, encontramos a expansão desse sintagma com o exemplo da obra em andamento no caso do Reclamante. A unidade apositiva constitui, de fato, uma exemplificação utilizada pelo Reclamado como sustentação do seu ponto de vista – *o contrato não foi honrado pelo Reclamante* – por isso ele não colocou o gesso no acabamento. As unidades A e B podem ser intercambiáveis, mas, se assim o for, a unidade A funcionando como B passará a expressar uma avaliação do Reclamado acerca do problema levantado, do qual ele se escusa de assumir.

As unidades apositivas introduzidas por *quer dizer* expressam relações semântico - pragmáticas diversificadasⁱⁱ. São elas: ressalva, retificação, avaliação, conclusão (arremate), causalidade, especificação, ratificação e contraste.

As funções acima destacadas aparecem somente no português contemporâneo. Encontramos num estágio anterior e atual o *quer dizer (que)* com acepção de *significa*. Interessante observar que o conector discursivo formou-se com o verbo *querer* + um verbo *dicendi, dizer*, que é considerado de uso geral, e não com *querer* + *significa*. Como conector discursivo, *quer dizer* introduz uma unidade apositiva que geralmente parafraseia uma unidade base representada por um sintagma ou por oração ou orações, transmitindo-nos uma outra maneira de significar. Desse modo, a unidade B com conector discursivo *manifesta a* idéia de *significa* em estruturas sintáticas variadas, extrapolando, portanto, a semântica e atingindo níveis textual-discursivos.

Destacaremos abaixo um exemplo de unidade apositiva introduzida por *quer dizer* com a função semântico- discursivo de *ressalva*. O falante, logo após pronunciar determinada assertiva, relativiza o tom categórico, com a unidade apositiva, numa estratégia interacional de proteção de face. Temos uma aposição periférica nos termos de Meyer, em que as posições das unidades A e B são irreversíveis.

(5) L1 seu irmão gravou é ago::ra...de modo que isso é importante...agora é uma coisa curiosa o o o cantador do Tipo do Dimas e de Otacílio...porque eles são::...são cultos...eles não são incultos não...eles cantam os repentes deles fazendo referências culturais/ CLARO que eles não têm uma cultura filTRAda nem cristalizada...mas tem um bom verniz de cultura é uma coisa curiosa...não é não é a poesia a poesia popular autêntica não **quer dizer éh: éh:...se a gente considerar o povo como sendo inculto como sendo apenas apenas espontâneo** (NURC/SP)

Inicialmente, o falante estabelece a oposição entre *repentes* e *cultura*, ao dizer que, apesar de repentistas, os “cantadores” não são incultos, por trazerem seus repentes com um quê de verniz cultural. Ao dizer isso, o falante se depara com uma concepção própria de cultura passível de julgamento por parte do interlocutor. Assim, para se proteger, o locutor faz uma ressalva, relativizando a sua opinião: *se a gente considerar o povo como sendo inculto como sendo apenas espontâneo*.

No exemplo selecionado abaixo, notamos que a unidade apositiva introduzida pelo conector *vale dizer* esclarece a informação precedente, funcionando como paráfrase – o que se entende por *tesoureiro*. A ordem das unidades A e B é irreversível.

Esse conector foi encontrado poucas vezes e somente em textos escritos.

(6) Como vivemos num país com muita gente que gosta de levar vantagem em tudo, precisamos de mais “tesoureiros”, **vale dizer, pessoas que entendam os processos pelos quais as coletividades são prejudicadas pelo excesso de esperteza e, fundamentalmente, se irritam com isso.** (VEJA, 25/04/2001)

Cláusulas apositivas “desgarradas”

Decat (2001:114) afirma que há uma estreita relação entre a função da oração adjetiva explicativa e a ocorrência de orações desgarradas nos textos instrucionais e informativos. As adjetivas servem às informações suplementares, explicações necessárias ao aspecto instrucional do texto, tentando convencer o leitor sobre determinado aspecto da informação e também como esclarecimentos de pontos de vista dos escritores, marcando a interação com o público. A autora levanta a hipótese de que, *quanto maior a intenção comunicativa de ênfase, de foco, maior a tendência ao desgarramento da oração, que se torna uma frase autônoma, tendo, assim, maior peso no fluxo informacional e na cadeia temática, do que estar ainda atrelada formalmente a outra*. É a ênfase com vistas ao convencimento.

Poderíamos hipotetizar que os marcadores discursivos - *ou seja, quer dizer* e *isto é* - funcionam como uma *espécie de elemento resumidor*, por fazerem referência à informação que os antecede e apontar para o que vem a seguir, dizendo- o em outras palavras. A unidade apositiva introduzida por *quer dizer*, nos nossos dados, sempre ocorre como unidade desgarrada. Parece-nos que não ter um SN ou SPrep como referente explícito na unidade base, mas sim toda a oração ou orações, deixa a unidade apositiva com uma certa independência informacional do restante do contexto. Embora a unidade apositiva mantenha uma relação semântica com a unidade anterior, o falante a expressa como unidade desgarrada para enfatizar alguns aspectos textual- discursivos. Se a unidade apositiva não for desgarrada, este foco não fica em evidência. Observamos

que o desgarramento é mais comum nas unidades apositivas introduzidas por marcadores de coesão e coerência (cfe. Koch e Vilela, 2001: 273).

(...) há elementos que se alimentam dos advérbios ou locuções adverbiais, de conjunções, de adjetivos, de verbos, de combinações várias, mas são sempre expressões que funcionam em bloco, como expressões já (total ou parcialmente) lexicalizadas. São expressões que balizam o discurso, que orientam na interpretação, salientando, retomando, explicando determinados conteúdos ou apelando para a atenção do interlocutor para que o contato não se perca.(...) Eles podem estabelecer a ligação entre segmentos maiores ou menores.

Destacamos as formas verbais usadas como conectores textuais que migram de um paradigma, o de verbos, para outro paradigma, o dos conectores, na continuação do discurso, como *ou seja, isto é, quer dizer, vale dizer...*. E conectores discursivos situados no plano diretamente nocional, como *por exemplo*, que possui pendor argumentativo. Os primeiros conectores discursivos acima citados estão em processo de gramaticalização e expressam, segundo Gorski *et alii*, (2003), as funções de *ratificação*, em lugar de *ou seja*, e de *retificação*, em lugar de *aliás*, e as subfunções *esclarecedora* e *conclusiva*. Nos nossos dados, encontramos ainda a subfunção *avaliativa*.

Podemos dizer que, nas unidades apositivas desgarradas, temos a voz do locutor manifesta através do marcador discursivo? Embora reconheçamos que constituam cláusulas independentes sintaticamente (são ocorrências bastante frequentes), elas mantêm com a unidade base uma relação semântico- pragmática muito estreita, servindo a uma função coesiva importante ao desenvolvimento do texto.

As cláusulas desgarradas podem ser identificadas, na escrita, por serem separadas por ponto. Na fala, estamos adaptando a proposta de Decat, e consideramos os casos em que haja pausa mais longa (embora não saibamos com exatidão se utilizaremos o tempo de duração 1.5).

No exemplo (7)

(7) de Cordovil até aqui. Porque tem que fazer uma baldeação. **Eu tenho que vim- pego ônibus na Brasil, venho até a central, não é? Da central, pego o metrô, venho até Botafogo, pego o quatrocentos e nove, venho até o ponto final, o resto, subo uns seiscentos metros a pé.** (PEUL/RJ. Dav),

a unidade B em negrito é constituída por várias cláusulas que, no conjunto, constituem um período. Contudo, observamos que todo o elemento em negrito está dizendo em outras palavras o que seja “baldeação” para o falante. A unidade apositiva ocorre após uma pausa mais longa na fala. Temos uma referência catafórica, segundo Nogueira (1999). Os critérios propostos por Meyer se adequam ao exemplo (7), já que as unidades A e B são intercambiáveis.

No exemplo (8)

(8) Ao cabo de um ano de programa, em média, esses alunos terminam pulando dois. Testes preliminares mostram que eles têm praticamente as mesmas notas de suas colegas não repetentes de quarta série. Impressionante, pois não?

Mas nada é de graça neste mundo. **O programa custa entre 150 a 200 reais, num país que gasta 350 reais por aluno/ano.**(VEJA, 01/04/98),

a unidade B retoma todo o elemento sublinhado em A, ou seja toda a oração. A unidade apositiva provê maior caracterização do elemento em A, detalhando-o, reformulando o já dito com argumentos convincentes.

Neste caso, as duas unidades não possuem o mesmo significado no sentido dicionarizado. Mas ocorre a correferência na perspectiva do falante que apresenta o traço prototípico de relação de equivalência entre elementos. Nos termos de Nogueira, o falante reformula o que disse no primeiro elemento (1999:59). A reversibilidade das unidades mudaria o tom do Locutor. Ou seja, a unidade A, sublinhada, se fosse utilizada na posição da unidade B, passaria a funcionar como uma conclusão avaliativa. Talvez a ambigüidade verificada na troca de posição se deva ao tipo de aposição. Este tipo está bem próximo das cláusulas paratáticas, mas ainda constitui uma aposição periférica nos termos de Meyer.

No exemplo abaixo

(9) Ah, mas até chegar no dia dessa cesária, esses quinze dias me parece que passou assim- parecia que era um século que nunca acabava de passar aquilo. E aquilo ali eu sofria com aquilo, não é? Porque eu vinha para o trabalho e ficava preocupado: Ela vai levantar da cama, ela não pode andar e tomando dezoito ampola de umas injeções lá que- que a doutora passou, porque era para a criança não ter problema respiratório porque ia sair antes do tempo. Então, foi um tratamento assim uma coisa! A doutora é muito boa, não é, a doutora Janete. Mas um tratamento assim, eu tinha que- seis hora da manhã, injeção, meia-noite, injeção, meio-dia tinha que ir um cara ir aplicar a injeção. **Quer dizer, eu ficava doido....**, (PEUL/RJ.Dav),

o falante introduz, na unidade apositiva, uma *avaliação* acerca do problema pelo qual estava passando. A aposição traz, ainda, um valor semântico *conclusivo*, ou seja, ela acumula as duas funções: é uma *conclusão avaliativa*. Neste exemplo, não temos um sintagma na unidade base com o qual possa se estabelecer a referência catafórica. Temos toda a informação anterior que serve como elemento base da unidade B. Observa-se então que uma única oração desgarrada serve para pôr em foco a conclusão avaliativa feita pelo locutor.

White (2001) analisa sentenças avaliativas como aquelas que manifestam um posicionamento atitudinal. Para ele, *utterances which can be interpreted as indicating that some person, thing, situation, action, evento r state of affair is to be viewed either positively or negatively*. O posicionamento atitudinal pode ser observado na convergência de múltiplos aspectos, ou seja, na explicitação de certos aspectos

lingüísticos, palavras ou expressões, e na forma implícita, através dos nossos conhecimentos (as pressuposições).

No nosso exemplo em pauta, a *avaliação* ocorre com a atuação de vários fatores. Temos, no exemplo (9), as marcas lingüísticas que denotam um posicionamento atitudinal negativo: verbo de emoção *sofria*, os adjetivos *preocupado* e *doido* dão um tom negativo ao tratamento médico. Contudo, destaca a figura do locutor como um sujeito capaz de enfrentar situações difíceis. Parece-nos assim que, implicitamente, ele é um grande sujeito. A ordem das unidades não pode ser comutada, o que caracteriza uma aposição periférica.

No exemplo abaixo

(10) Ela, aí, de joelhos, se arrastando, abriu o elevador, só tinha, na época, eu e uma senhora aqui de baixo, do apartamento cento e um, e ela bateu lá na senhora e a- elas ligaram para polícia e quando chegou, eles já tinham ido embora. Quer dizer, a segurança não tem nenhuma....(Censo/RJ),

o falante evidencia mais a provável tragédia, ao colocá-la como unidade “desgarrada”. O locutor esclarece que os bandidos tinham estado no seu prédio, o que a leva a *concluir* que não há segurança onde ela mora. Ela trabalha com evidências que antecedem a cláusula desgarrada para colocar em foco a própria avaliação que ela faz do episódio. Observamos ainda que a unidade apositiva é constituída por uma única cláusula desgarrada. Não podemos trocar as posições das unidades A e B. O conector discursivo funciona como elemento de coesão e coerência entre as unidades, servindo, paralelamente, para introjetar o Locutor no texto. Se retirássemos o *quer dizer*, a referida presença não seria sentida.

No exemplo (11)

(11) De uma amostra de cinquenta projetos, cujos clientes foram consultados, 46 haviam dado bons resultados. Em marcado contraste com a tradição universitária de criar tecnologia “de prateleira” ou “pesquisa aplicada que ninguém aplica”, o Senai atende predominantemente a indústria, com projetos em que em 81% dos casos há engenheiros ou técnicos da empresa interessada compartilhando o trabalho – além de professores universitários. Ou seja, o Senai virou gente grande na P&D brasileira,(VEJA, 17/10/2001)

a unidade apositiva introduz uma avaliação acerca do desempenho do Senai no desenvolvimento de pesquisas. Ao fazer essa avaliação, há a introdução de uma conclusão a respeito desse desempenho. Temos uma aposição que apresenta dois valores superpostos: o de conclusão e o de opinião. A unidade apositiva é constituída de uma cláusula desgarrada, que evidencia a conclusão avaliativa feita pelo locutor. Como nos exemplos imediatamente anteriores, a ordem das unidades é irreversível. Talvez possamos pensar que o conector discursivo *ou seja* introjeta a fala do Locutor no texto, apontando para a paráfrase a ser produzida a seguir.

No exemplo abaixo

(12) O que dirão os puristas da pedagogia? Transformaram a escola em uma fábrica, com números medindo tudo? Mercantilizaram o ensino? Acho que não. As ferramentas gerenciais adotadas levam a escola a fazer o mesmo que as empresas fazem. Isto é, definir prioridades para direção, professores, alunos e funcionários.,(VEJA, 12/11/2003)

percebemos que a unidade apositiva, introduzida pelo conector *isto é*, especifica e delimita a informação da unidade base, estabelecendo uma relação entre a estrutura organizacional de empresa e a estrutura de uma escola. Na unidade base, não está suficientemente claro que atividades empresariais deveriam também ser adotadas pela escola. Assim, a unidade apositiva consiste em delimitar essas atividades. Ela é constituída de uma cláusula desgarrada. Esse tipo de ocorrência foi encontrado apenas em textos escritos. Temos uma aposição periférica, em que as unidades A e B são irreversíveis, devido à própria relação estabelecida de todo- parte.

O conector discursivo *vale dizer* é oriundo de verbo e está em um percurso gradual de gramaticalização, de forma análoga aos marcadores explicados anteriormente, porém não ocorreu com cláusula desgarrada.

As cláusulas apositivas desgarradas poderiam, em termos, ser omitidas; contudo, do ponto de vista textual- discursivo, teríamos uma lacuna, já que a conclusão avaliativa do locutor tem um peso considerável na coerência/ coesão do texto.

O *por exemplo* ocorre em duas posições na unidade apositiva: inicial e medial, após um sintagma introdutor da unidade apositiva (posição mais comum nos dados, sobretudo escritos). Normalmente a relação semântica estabelecida é todo- parte.

No exemplo (13)

(13) Qualquer nota depende tanto da excelência dos alunos como da dificuldade das provas. Por exemplo, as notas baixas dos cursos de matemática podem ser devidas a expectativas irrealistas dos que redigiram as provas. Se a prova é difícil demais, as pontuações são baixas.,

o *por exemplo* introduz uma unidade apositiva desgarrada. Na unidade A, temos o ponto de vista do locutor: provas com notas altas dependem do aluno e de quem as prepara.; na unidade B, o locutor destaca apenas a prova de matemática dentro do universo de conteúdos possíveis no currículo do aluno. Neste caso, a unidade B retoma a unidade A como um todo. Não poderíamos permutar a ordem entre as unidades A e B, nem poderíamos apagar a unidade A, conforme proposta de Meyer, devido à própria relação todo- parte.

No exemplo (14)

(14)A pesquisa de Bonelli fornece indicações preocupantes sobre as raízes da desigualdade no Brasil. Ele observa que, para o ano de 1998, prevalecia uma enorme variância nos níveis absolutos de produtividade no país. A indústria de refino de petróleo, por exemplo, produzia 447 000 reais por unidade de fator, ao passo que o setor menos produtivo dos 42 examinados, os serviços privados não mercantis, produzia 1 800 reais. (Em foco – Produtividade: os dois Brasis. Gustavo Franco.21/06/00),

a unidade B desgarrada detalha a informação contida na unidade A. Ou seja, dos níveis de produtividade no país, destaca –se o refino de petróleo em B, exemplificando com

dados estatísticos para sustentar a posição tomada na unidade A. O *por exemplo* ocorre em posição medial, após o sintagma nominal *A indústria de refino de petróleo*. Desse modo, o locutor focaliza a informação contida no sintagma que antecede o *por exemplo*. Não poderíamos permutar a ordem entre as unidades A e B sem prejuízo da informação.

Considerações parciais

Os enunciados apositivos apresentam uma grande diversidade sintática. Destacamos neste trabalho os casos em que a aposição se assemelha à coordenação e os casos de unidades apositivas constituídas por cláusulas desgarradas. Temos observado que as cláusulas desgarradas normalmente ocorrem com conectores discursivos e estabelecem relação de correferencialidade não com um sintagma mas com uma ou mais orações que constituem a unidade base. Esta característica parece colocar as desgarradas na aposição periférica.

Referências bibliográficas.

DECAT, Maria Beatriz N. Por uma abordagem da (in) dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. In: **Scripta**. Belo Horizonte, vol.2,no. 4, p.23-28, 1º. semestre de 1999.

_____. Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao “desgarramento”. In: **Scripta**. Belo Horizonte, vol.5, no. . 9, p.104, 2º. semestre de 2001.

DIAS, Nilza B. As cláusulas apositivas: estatuto sintático, semântico e pragmático.

Relatório de Pesquisa.FAPEMIG.2004.

GORSKI, E. *Et alii*. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas com indícios de gramaticalização. In: **Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Roncarati & Jussara (orgs.)RJ. Fapesp/UFRJ. Viveiros de Castro Editora. 2003.

KOCH, Ingedore e VILELA, Mario. Gramática da Língua Portuguesa. Editora Almedina. Coimbra. 2001.

MEYER, Charles F. **Apposition in contemporary English**. Cambridge Press, 1992.

NOGUEIRA, Márcia. **A aposição não-restritiva em textos do português contemporâneo escritos no Brasil**. Tese de Doutorado. Unesp/Araraquara. 1999.

WHITE, 2001. Appraisal. www.grammatics.com/appraisal.

ⁱ Projeto *Interação de Fala em Contextos Institucionais*, coordenado pela Profa. Dra. Sonia Bittencourt Silveira, UFJF.

ⁱⁱ Projeto PROBIC. A gramaticalização de *quer dizer*.